Revista Geonordeste

"OS ESPINHOS DE UMA COROA SEM FLOR": A TEATRALIDADE BARROCA NA PROCISSÃO DOS PASSOS EM SÃO CRISTÓVÃO, SERGIPE[1]

"THE CROWN OF A FLOWER WITHOUT THORNS": THE BAROQUE THEATRICALITY IN THE PROCESSION OF THE STEPS IN SÃO CRISTÓVÃO, SERGIPE

"LOS ESPINOS DE UNA CORONA SIN FLOR": LA TEATRALIDAD BARROCA EN LA PROCESIÓN DE LOS PASOS EN SÃO CRISTÓVÃO, SERGIPE

Magno Francisco de Jesus Santos
Doutorando em História UFF.
magnohistoria@gmail.com

Resumo
Todos os anos, no segundo final de semana da quaresma, a cidade de São Cristóvão se torna palco de uma das mais dramáticas celebrações católicas de Sergipe, a procissão dos Passos. Trata-se de uma solenidade lúgubre que revive os últimos passos de Cristo a caminho do calvário. Neste trabalho temos o intuito de compreender o centro histórico da cidade de São Cristóvão por meio da procissão, na qual a imagem do Senhor dos Passos desfila em sua charola cercada de devotos de todo o estado.
Palavras-chave: Procissão, identidade, patrimônio.

Abstract
Every year on the second weekend of Lent, the city of São Cristóvão becomes the stage of one of the most dramatic Catholic celebrations of Sergipe, the called Procession of the Steps. It is a mournful solemnity that relives the last steps of Christ on the way to Calvary. In this work we aim to understand the historical center of São Cristóvão through the procession, in which the image of The Steps Lord parades in its rotunda surrounded by devotees from all over the state.
Keywords: Procession, identity, heritage.

Resumen
Todos los años, en el segundo final de semana de la cuaresma, la ciudad de São Cristóvão se convierte en palco de una de las más dramáticas celebraciones católicas de Sergipe, la procesión de los Pasos. Tratase de una solemnidad lúgubre que revive los últimos pasos de Cristo a camino del calvario. En este trabajo tenemos el objetivo de comprender el centro histórico de la ciudad de São Cristóvão por medio de la procesión, en la cual la imagen del Señor de los Pasos desfila en su charola cercada de devotos de todo el Estado.
Palabras-clave: Precisión, identidad, patrimonio.

[1] Pesquisa desenvolvida com CAPES. Agradeço as contribuições da professora MSc. Verônica Maria Meneses Nunes por ter despertado o interesse pela pesquisa a respeito da Procissão do Senhor dos Passos, assim como também pelas inestimáveis contribuições na orientação no Bacharelado em História da UFS.

Segunda sexta-feira da Quaresma de 1920. Na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, na cidade de São Cristóvão, um pequeno grupo de mulheres entoava em latim as últimas estrofes do Ofício da Paixão. Com cadernetas em mãos, olhos marejados e fitas para a charola velada do Senhor dos Passos, as devotas louvavam o santo e clamavam por suas almas:

> A Vós, Bom Jesus,
> Com toda atenção
> Dedico à memória
> Da Vossa Paixão.
> Para que por ela,
> Com o bom ladrão,
> Mereça das culpas
> Plena remissão
> (MONTEIRO, 2003).

Nas ruas estreitas e enladeiradas, já era possível encontrar as primeiras levas de romeiros que adentravam a cidade. Homens e mulheres simples, descalços, vestidos em túnicas roxas, carregando ex-votos, buscavam se aproximar do santuário. A grande romaria dos sergipanos estava em seus primeiros momentos. A primeira capital revivia o regurgito de outrora, de tempos áureos.

As portas da igreja eram fechadas e as devotas que cantaram o ofício seguiam para suas casas, para cumprir uma das obrigações do cristovense: receber e abrigar os romeiros nos dois dias de festa. Naqueles dias, milhares de devotos de todas as partes de Sergipe se deslocavam para a cidade no intuito de participar das celebrações em torno do Cristo "sob o peso da cruz" (DANTAS, 2006, p. 58). Os velhos casarões da cidade alta, assim como os casebres dos arredores da feira, do Alto da Divinéia e dos Pintos, passavam a abrigar andarilhos desconhecidos, provenientes dos mais variados recônditos lugarejos.

A árdua caminhada dos fiéis era a repetição de uma tradição longínqua. Desde a primeira metade do século XIX, a cidade de São Cristóvão tinha a Procissão dos Passos como sua maior solenidade e já atraía romeiros de todas as partes da província. Era uma festa oficial do calendário católico de Sergipe e reunia personalidades políticas, da mesma forma que aglomerava anônimos desprovidos de recursos básicos de sobrevivência.

A solenidade de Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão pode ser percebida de diferentes formas. Devido à grande contingência de devotos de procedências e segmentos sociais distintos, a romaria dos Passos apresenta um vasto leque propiciador de reflexões. Um dos percursos pelos quais o pesquisador pode enveredar é o dos elementos registrados a partir da sensibilidade perceptiva das testemunhas oculares da celebração.

Os ruídos do tempo são permanências, continuidades, sinais deixados por outras gerações, muitas das vezes imperceptíveis para os olhares e ouvidos desatentos. Os indícios da devoção ao Senhor dos Passos não estão documentados exclusivamente nos registros escritos, pois também

podem ser detectados por meio da análise minuciosa de imagens, do espaço, da arquitetura, ou mesmo nas entrelinhas dos textos escritos e das oralidades.

Ao observar a imagem do Senhor dos Passos de forma mais atenta, pode ser percebido que ela traz os sinais das romarias realizadas ao longo dos anos. Os romeiros, ao chegar à Igreja do Carmo, cumpriam um trajeto comum, passando sob as charolas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, para enfim tocar demoradamente nas mãos da imagem de Passos.

Trata-se da ocasião em que o devoto dialogava aos pés da charola, rendendo-lhe agradecimentos e renovando os seus pedidos por graças. O toque contrito nas mãos da imagem representava a busca do devoto por bênçãos, a renovação do homem religioso, a intimidade romeiro/santo. São elementos de uma religiosidade barroca, de um catolicismo rústico, em que a devoção era tecida sob o campo da intimidade entre o devoto e o campo sagrado (SOUZA, 2009).

A repetição da tradição, que a cada ano se renovava no santuário, não passou imune: deixou suas marcas impregnadas nas imagens devocionais, registrou a passagem dos promesseiros ao longo do tempo. Um desses sinais é mão enegrecida do Senhor dos Passos, causada, provavelmente, pelos toques contínuos dos romeiros. O enegrecimento da mão da imagem reflete o elevado número de devotos que todos os anos buscavam se aproximar do Senhor dos Passos.

Todavia, um dos principais aspectos da solenidade de Passos é a sonoridade. Dos primeiros instantes ao final da romaria, os ruídos são transformados em elementos de sacralidade, de demarcação do tempo diferenciado, do momento extraordinário (ELIADE, 2001). A sonoridade apresenta-se na romaria por meio dos cânticos dos passos em latim (recordatus), das tarantanas dos sinos, dos lamentos dos indigentes, e até mesmo do silêncio, que permeia muitos discursos de memorialistas. No estudo das manifestações religiosas de outrora, a sonoridade pode ser compreendida como um instrumento mediador entre passado e presente. Ao se propagarem pelo espaço, os elementos sonoros tornam-se inacessíveis. Contudo, os ecos da sonoridade permanecem ao serem registrados nas falas das testemunhas. Por ser um mecanismo de percepção da realidade pouco habitual dentro das Ciências Humanas, na maioria das vezes, tais registros passam despercebidos nas leituras dos pesquisadores. Os sussurros do passado parecem ainda não ter conquistado os ouvidos dos historiadores.

Na solenidade de Passos, um dos principais aspectos caracterizadores era a sonoridade. Os ruídos da celebração estão consignados em documentos de diferentes origens, como notas de jornais, obras memorialísticas e fotografias. São múltiplos depoimentos que registraram flagrantes em que predominavam o mais absoluto silêncio. A partir destas vozes do passado, torna-se possível reconstituir o universo etnográfico da solenidade de Passos.

A solenidade de Passos atraia devotos de diferentes pontos de Sergipe. A afluência de romeiros percorrendo as estradas de São Cristóvão chamava a atenção de cronistas e da imprensa. O trajeto era marcado pela penitência e pela descontração. Através de registros noticiados na imprensa sergipana na década de 1910, podemos perceber flagrantes do cotidiano dos romeiros nos caminhos da penitência de Passos, como demonstra a seguinte nota:

> Como todos os anos celebrar-se-ão na tradicional cidade de S. Christovam os officios da Festa de Passos. A afluência à antiga metrópole sergipana sempre foi e é ainda considerável de pessoas de todos os pontos do Estado, notadamente daqui da Capital.
> Outrora a grande romaria era feita a pé em dias seguidos, enchendo-se a velha estrada de povo, preferindo muita gente ir descansando às sombras das arvores, fazendo *lunchs* appetitosas que as saboreavama os goles da boa água do Pitanga. Caminhos saudáveis proporcionavam uma viagem agradável até as portas da velha Jesusalém sergipana povoada de templos catholicos, muitos carcomidos pelo decorrer do tempo.
> Ainda hoje, apezar de termos caminho de ferro, muita gente prefere ir 'puxando na bota' (*Diário da Manhã*, 19 mar. 1916).

A nota jornalística desvenda múltiplos aspectos da longa jornada dos romeiros a caminho do santuário de Passos, da "Jerusalém sergipana". Ela revela aspectos sensoriais do trajeto dos romeiros, principalmente ao se referir às paradas para descanso às margens do rio Pitanga. O depoimento expressa dois sentidos pouco explorados pela historiografia como elementos de percepção da realidade observada. O tato e o paladar estão evidenciados na breve notícia, ao abordar sobre a brisa embaixo das árvores e o sabor das refeições e da água potável do Pitanga. Neste sentido, na solenidade de Passos, no período estudado, podemos buscar conhecer os sabores, olhares, falas, toques e ruídos das celebrações religiosas.

Por ser uma celebração de cunho penitencial, a procissão dos Passos do período entre o final do século XIX e o início do século XX estava atrelada ao silêncio e ao dobre fúnebre dos sinos de todas as igrejas da cidade alta. O ápice das práticas penitenciais ocorria no segundo sábado da quaresma, com a procissão do depósito. Durante o dia, os sinos do Carmo e da Ordem Terceira eram tocados, anunciando a referida procissão noturna. No plano simbólico, o dobrar do sino pode ser interpretado como indício da santificação do dia, da ruptura do tempo ordinário e a entrada no tempo sacralizado. Segundo Serafim de Santiago:

> No sabbado, durante o dia a Egreja do Carmo era, como ainda hoje, muito visitada pelos romeiros ali existentes. À uma hora e às três da tarde do sabbado, ouvia dobrarem os sinos da Ordem 3ª e do Carmo, annunciando aos fieis a Tradicional procissão à noite, denominada do depósito. Ao toque da Ave-Maria eram repetidos os dobre chamando o povo para o acto da concorridíssima procissão que sahia da Egreja do Carmo; esta maior de São Christovão não comportava o extraordinário número de fiéis que se espalhavam pela praça do Carmo aguardando a sahida da imponete procissão (SANTIAGO, 2009, p. 182).

O depoimento de Santiago é elucidativo ao demonstrar o dobrar dos sinos das duas igrejas e o elevado contingente de romeiros. O sábado da semana de Passos na cidade de São Cristóvão era

considerado um dia santificado. O som dos sinos servia para enfatizar a entrada neste tempo mítico. A sacralidade do dia tornava-se evidente tanto por meio da tarantana dos sinos, como pela mudança de comportamento dos moradores, que, conforme Erundino Prado Júnior, "no dia das festividades alusivas ao Senhor dos Passos, não varria a casa, não podia esbanjar-se" (PRADO JÚNIOR, 2006).

No sábado à noite, ocorria a procissão de transladação da imagem velada do Senhor dos Passos da Igreja do Carmo para a Matriz. A procissão de caráter penitencial seguia o ritmo dos sinos, que começavam a dobrar no momento da saída da charola, como confirma Santiago:

> Chegados junto à charola, ajoelhavam-se todos, e o frade Carmelita recebia das mãos do sacristão a naveta e fazia o incenso, em que os músicos cantavam o versículo – 'Et recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat: guia prius quan gallus cantet, tu me mégabis ete'. Findo este cântico, ouvia-se o dobrar dos sinos da egreja 3ª e os do Carmo (SANTIAGO, 2009, p. 183).

A partir da reflexão desses ruídos, que perpassaram as barreiras impostas pelo tempo, podemos compreender a solenidade do Senhor dos Passos em sua complexidade. A documentação referente à solenidade é vasta e diversificada, propiciando múltiplas leituras. A curta jornada dos romeiros na cidade de São Cristóvão era demarcada pela visão, pelo cheiro, pelo sentir e pelos ruídos. Todos esses elementos estavam presentes nas procissões realizadas no segundo final de semana da quaresma de São Cristóvão. Conforme Santiago, na procissão do depósito ficavam:

> Junto à charola, o frade Carmelita, o Franciscano e o Sacristão levando o thuribulo de onde sahia a fumaça do aromático benjuim perfumado as ruas por onde passava... encaminhava a procissão até parar a imagem em frente a primeira casa de esquina da rua da Imperatriz, onde se achavam os músicos para cantar o versículo da 1ª estação. Em toda a praça do Carmo, rua da Imperatriz e praça da Matriz por onde passava a procissão, estavam illuminadas as fachadas das casas sobrados. O silêncio nesta ocasião não me é possível descrever. Ouvia-se dobrar, os sinos do Amparo, o sonoro grande sino do São Francisco e o da Matriz (SANTIAGO, 2009, p. 183).

O testemunho do memorialista desenha um cenário complexo da solenidade a partir dos aspectos sensitivos de percepção da realidade. Cheiro, toque, gosto, visão e ruídos permeiam toda a narrativa. Todos esses elementos contribuem na compreensão do objeto estudado, por serem importantes instrumentos perceptivos. Ao sair pelas ruas da cidade, a procissão do depósito era cercada por uma série de aparatos sacralizadores, dos quais podemos destacar o aroma propagado pelo incenso, a iluminação das fachadas, o silêncio dos devotos e o dobrar dos sinos. Com isso, configurava-se um cenário, um território flexível, no qual os atores sociais apresentavam-se, com ênfase para o Senhor dos Passos (que ostentava a sacralidade), a elite política e religiosa.

Entre os devotos da sagrada imagem, destacava-se a elite açucareira do Vaza-Barris. Muitos dos senhores desta zona econômica faziam parte da Ordem Terceira do Carmo e tinham o direito exclusivo de transportar a charola do Senhor dos Passos na procissão do depósito. Com isso, no período entre o final do século XIX e o início do século XX, integravam o cortejo processional "o

presidente da Província, Barão da Estância, comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, coronel Joze Guilherme da Silveira Telles, coronel Domingos Dias Coelho e Mello (Barão de Itaporanga), Dr. Silvio Anacleto de Souza Bastos e Dr. Simões de Mello" (SANTIAGO, 2009, p. 182). Entre os nobres sergipanos que tinham devoção ao Senhor dos Passos, destacava-se o Barão da Estância. Segundo consta nos registros sobre a procissão, Antônio Dias Coelho e Mello era um dos primeiros a chegar à Igreja do Carmo para a procissão das velas. O dono da Escurial, como prova de devoção e estima ao Senhor dos Passos, doou uma rica túnica e deixou para o mesmo em seu testamento uma apólice de valor considerável e com juros de cinco por cento ao ano[2].

Os vestígios desta devoção perpassaram o tempo. Na Igreja Matriz de São Cristóvão, ainda hoje podemos encontrar a velha túnica doada pelo barão-devoto. Nela estão evidências das práticas devocionais dos romeiros realizadas ao longo dos anos. O luxo das ornamentações do pomposo manto contrasta com o desgaste imposto pelo tempo e pelos sucessivos toques dos devotos. Neste sentido, a túnica de Passos também pode ser vista como uma fonte histórica de relevância.

No baú da Igreja Matriz encontramos muitas surpresas. Esperávamos ansiosos em ter acesso à vestimenta doada pelo Barão da Estância, no entanto, encontramos uma ampla coleção de vestimentas doadas pelos devotos ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora da Soledade no último século. O elevado número de peças por si só demonstra o poder devocional ao Senhor dos Passos.

O final da procissão do depósito era marcado pela concorrência de fiéis tentando tocar e beijar os pés da imagem. Mesmo estando velada[3], os romeiros esforçavam-se para ter acesso à charola, com o intuito de "conversar" com o santo. As práticas ex-votivas da procissão e o contato entre devoto e santo na solenidade foram assim descrita por dona Marinete:

> É... as promessas era assim: feixe de lenha, agora sempre as velas acesas, sempre todo mundo descalço e a vela acesa. Isso não mudou muito não. Agora era o feixe de lenha, depois do feixe de lenha inventaram a roupa roxa (...). Quando termina a procissão, primeiro o santo entrava, mas era aquele chamego, de todo mundo queria beijar o santo e não dava na igreja. Agora, coloca-se o santo lá na frente da igreja, para todo mundo beijar, se despedir dele, conversar perto (MONTEIRO, 2003).

O relato de dona Marinete é enfático e surpreendente por abordar de forma natural a antromorfização da imagem dos Passos, através de termos como "conversar" e se "despedir" dele. O toque e o beijo à imagem refletem a intimidade devoto/sagrado. Este era o momento de renovação dos pedidos por graça e, ao mesmo tempo, de gratidão pelas benesses já alcançadas. Em diferentes momentos dos depoimentos, percebemos que o Senhor dos Passos de São Cristóvão não

[2] Sobre as apólices deixadas ao Senhor dos Passos, confira o testamento de Antônio Dias Coelho e Mello, Barão da Estância. Testamento. Cartório do 1º Ofício. São Cristóvão, cx. 11, nº 77.
[3] Provavelmente a imagem do Senhor dos Passos saía velada na procissão do depósito para representar a perseguição de Cristo pelos soldados romanos, como atestam entrevistados como Monteiro (2003) e Prado Júnior (2006).

era tratado como uma imagem de culto, mas sim como a real presença encarnada e humanizada do Cristo sofredor. Com a chegada da procissão noturna à Igreja Matriz, a charola era depositada em dois cavaletes ao lado da capela do Santíssimo Sacramento, momento em que se ajoelhavam "os sacerdotes e todo o povo em frente à imagem encerrada" (SANTIAGO, 2009, p. 184).

No dia seguinte, segundo domingo da quaresma, ocorria a imponente procissão do encontro. O dia era marcado pelo dobrar dos sinos e pelas missas nas principais igrejas da solenidade (Matriz e Carmo). Um dos momentos de maior expectativa ocorria quando o romeiro encontrava a imagem do Senhor dos Passos exposta à veneração. Nesta ocasião, a troca de olhares, os romeiros observavam firmemente "os olhos vivos do Senhor". Na Matriz, o devoto observava então que:

> Ali estava elle de joelho em terra no centro da charola, vestido em rica túnica de gorgurão roxo, supportando o pezo do grande madeiro, com aquele rosto venerável, os olhos injectados fitos para o chão, demonstrado a grande agonia cauzada pelo pezo da cruz (SANTIAGO, 2009, p. 185).

O depoimento de Serafim de Santiago revela o artifício intrínseco na imagem, que fazia com que a interação romeiro/santo fosse aguçada. Estrategicamente, o Senhor dos Passos ficava sobre a charola em uma posição que direcionava o olhar da imagem para os devotos. Essa era mais uma nuança da teatralidade barroca presente na solenidade de Passos. Durante todo o dia, os romeiros ficavam perambulando pelas ruas, visitando familiares e templos até às quatro horas, quando os sinos da Matriz dobravam, convocando os fiéis para a procissão do encontro. Com os primeiros dobres, começavam a chegar os representantes das ordens terceiras, irmandades e confrarias da cidade. Assim, da Igreja do Rosário, desciam anjinhos, do São Francisco, os irmãos terceiros[4], assim como da Ordem Terceira do Carmo. Todos eram recebidos pela irmandade do Santíssimo Sacramento, responsável pela Matriz. O momento da saída dos irmãos leigos de suas igrejas de origem era marcado pelo dobrar dos respectivos sinos, aumentando a expectativa dos devotos reunidos na praça. Podemos dizer, então, que a celebração envolvia todas as associações religiosas das principais igrejas da cidade, ritmadas pelo dobre dos sinos.

Com a saída simultânea das duas procissões da Igreja Matriz e do Carmo Pequeno às cinco horas da tarde, todos os sinos dobravam em ritmo fúnebre. No cortejo, estava a cruz processional, a espia com a custódia, os anjinhos do Rosário e o Senhor dos Passos. A procissão seguia até parar no primeiro passo, representado pelo Horto. Com isso, todos paravam para ouvir o primeiro passo, que era acompanhado pela cerimônia do incenso e bênção do passo. No silêncio penitencial, a sacralidade propagava-se pelo aroma do incenso.

[4] Os irmãos terceiros do São Francisco carregavam a charola do Senhor dos Passos na procissão do encontro, cumprindo com o compromisso da referida ordem que dizia "são obrigados os Irmãos terceiros de São Francisco a carregarem a charola do Senhor dos Passos na procissão da 2ª Dominga da quaresma, assim como os irmãos terceiros do Carmo a carregarem a charola da Virgem da Conceição na procissão das Cinzas" (SANTIAGO, 2009, p.186).

Seguindo percursos diferentes, as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade seguiam até a Praça São Francisco, local onde se dava "a dolorosa memoração da tragédia da rua da amargura, 'o encontro da formaza filha de Sião com o unigênito filho'" (SANTIAGO, 2009, p.189). Na praça, era realizada a cerimônia do incenso e a execução do canto do passo. A entrada da imagem do Senhor dos Passos era ritmada pelo dobrar dos sinos de todas as igrejas, como tarantanas fúnebres, isto é, tratava-se de uma marcha para o calvário.

O encontro era visto como um dos momentos culminantes da celebração dos Passos. Nesta ocasião, os elementos da teatralidade barroca eram explorados ao extremo. As palavras inspiradas do padre laranjeirense transportavam o devoto para o tempo mítico da paixão. Ocorria então a interação entre devoto, clero e sagrado. A Praça São Francisco era transformada em um grande auditório, no qual as atenções estavam voltadas para o sermão do doloroso encontro. Mais uma vez os sentidos refletem as nuanças da solenidade, como podemos observar:

> Findo este terceiro cântico, surgia no púlpito o vulto do orador consumado – vigário – Joze Gonçalves Barrozo que lançando um olhar prescutador sobre o enorme audictório que enchia a praça, principiava a falar, desenrolando os martyrios e soffrimentos da victima ali presente. O povo já ancioso esperava aquellas palavras inspiradas. Naquelle momento já estavam parados todos os sinos e reinava o completo silêncio, esperando os ouvintes o momento mais tocante d'aquelle acto, o encontro doloroso da Santíssima Virgem com seu unigênito filho em completa afflição na rua da Amargura (SANTIAGO, 2009, p. 189).

No depoimento acima, percebemos a importância dos elementos sensoriais na solenidade de Passos. O encontro era permeado pela troca de olhares, pelo sermão e, principalmente, pelo silêncio dos sinos e do público. Os sinos paravam para o momento em que as dores se intensificavam, pois, as dores de Cristo com o madeiro somavam-se às dores da Virgem-mãe e dos devotos sofridos e carentes de benesses.

Muitos dos aspectos da realidade passada perderam-se no tempo, tornando-se inaudíveis para nossos ouvidos do presente. Contudo, alguns ruídos da solenidade dos Passos ainda podem ser detectados através da leitura das entrelinhas das evidências históricas. No caso do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade na Praça São Francisco, os resquícios sonos sobreviveram. O sermão do encontro era marcado pelo silêncio, como podemos constatar:

> Á tarde effectuou-se a procissão das imagens de Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Piedade [sic] com um acompanhamento de milhares de pessoas. Pregou o sermão do encontro o illustrado monsenhor Zacharias que prendeu a attenção da enorme multidão, com a sua palavra fácil, cadenciada, clara e eloqüente, fazendo comparações as mais felizes que eram muitas vezes applaudidas, conforme o respeitoso momento e como bem podia divulgar pelos gestos expressivos de muitas physionomias attentas (*Diário da Manhã*, 10 mar. 1914).

O silêncio dos devotos durante o sermão do encontro nas primeiras décadas do século XX chega a surpreender. Apesar de haver milhares de romeiros lotando as dependências da Praça São Francisco, as palavras do sacerdote podiam ser ouvidas por todos, mesmo sem haver uso de instrumentos transmissores. Do alto do púlpito portátil, as palavras do orador sacro ecoavam por todo o auditório de fiéis, evocando a emoção da maior parte dos romeiros. Neste caso, o silêncio é revelador do caráter penitencial da solenidade, no qual a dor do Cristo sofredor é compartilhada com a Mãe e, ao mesmo tempo, confundida com o sofrimento cotidiano dos devotos.

A audição do sermão proferido pelo padre no púlpito da Praça São Francisco ocorria todos os anos na solenidade de Passos. A considerável multidão de devotos não impedia que as palavras penitenciais ecoassem por todos os cantos. Não eram somente os sinos que silenciavam, o público devoto fazia o mesmo, permanecendo contrito. Além do silêncio, também podia ser observado, no semblante dos romeiros, a emoção, através de lágrimas. Provavelmente, a emoção jorrava no momento em que o orador evocava os martírios do Cristo e da humanidade. Todos esses elementos estão no depoimento publicado do Correio de Aracaju de 1919:

> Deu-lhes lucinante destaque a palavra maviosa, correcta impressionante e convicta do illustre e talentoso sacerdote que se incumbiu do sermão do encontro da Virgem com seu Divino Filho, victima das injustiças da humanidade. Foi elle o revmo. Padre Constantino Sangremamm, virtuoso pároco da cidade de Itabaiana. Seu eloqüente sermão, em voz muito clara e vibrante de fé, foi tão elevado e tão digno do assumpto, que vimos muitos olhares marejados de lágrimas, quando o distincto orador e referiu as amarguras do coração materno, suppliciado pelas torturas do Grande martyr, principalmente no trecho margistral em que o illustrado pregador invocou os sentimentos affectivos das mães presente àquelle acto, verdadeiramente tocante. Apesar da cerimônia do encontro e da magnífica oração do sacerdote se darem na embocadura de uma das praças mais vastas da cidade, estava ella literalmente cheia e dominada pelo silêncio profundo, de modo que a palavra do digno ministro catholico foi ouvida por toda a multidão, em cujo seio vimos representantes de todas as classes sociais e de todos os departamentos da intelligencia, dede o inserito Presidentes do Estado até o humilde e obscuro homem do campo (Correio de Aracajú, 19 mar. 1919).

Lágrimas, silêncio, emoção e aplausos eram uma constante na solenidade de Passos. Os cinco sentidos estavam atrelados ao evento religioso e podem ser usados como fio condutor entre passado e presente. Entretanto, a ordem nem sempre prevalecia. Em muitas ocasiões, o silêncio das celebrações era rompido por ruídos dissonantes. Os romeiros aquietavam-se na praça, observando o encontro por ouvir as palavras proferidas pelo sacerdote. Em meio ao silêncio do grande público soavam descontraídas conversas paralelas. No entanto, nem todos os ouvidos estavam voltados para o sermão. Vejamos o novo enfoque do sermão.

O sermão do encontro era encerrado com o canto da Verônica. De forma teatral, uma jovem da cidade, vestida de túnica roxa, entoava o seu lamento abrindo e fechado um sudário com efígie do Cristo ensanguentado. Apesar de ser curto, o canto era executado demoradamente e de forma

comovente, prendendo a atenção dos romeiros na Praça São Francisco. Serafim de Santiago, em seu anuário, a chamava de "Mulher-pia", nomenclatura instigante e que revela outras nuanças da solenidade. A partir das entrevistas com dona Marinete (2003) e Erundino Prado Júnior (2006), constatamos nossa suspeita. O triste lamento da Verônica só podia ser executado por mulheres virgens. Nos Passos sacralizados pelas ruas de São Cristóvão, o canto da Verônica ficava a cargo de uma jovem "pura". É importante salientar que, na teatralidade barroca dos Passos, a Verônica é a única santa-personagem da trama da Paixão que não é representada por imagens, mas sim por pessoas. Este é um forte indício da virgindade da intérprete da Mulher-pia. Então a jovem entoava: "o vos ommes, que transites per viam, attendite, et videte, se est dolor sicut dolor meus" (SANTIAGO, 2009, p. 189). Era "o canto dolorido da Verônica" (Diário da Manhã, 03 mar. 1917).

Ao final da apresentação da Verônica, os músicos cantavam "Miseri mei Deus, secundum magnam misericórdia tuan" (SANTIAGO, 2009, p. 189), enquanto as confrarias acendiam seus tocheiros e os sinos começavam a dobrar. A procissão retornava a seu ritmo com todos os seus personagens: Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Soledade, Mulher-pia, anjinhos, pálio e romeiros. Ela ainda parava por três vezes até chegar ao alpendre do Carmo para o passo final. Ocorria então a despedida dos romeiros diante das imagens sagradas com o toque do manto, o beijo dos pés e fitas e os últimos dobres dos sinos. Com isso, "à noite, no Convento do Carmo foi grande a romaria de fiéis que iam diretamente beijar os pés das sagradas imagens" (Correio de Aracaju, 26 fev. 1918).

Diante da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, os devotos contemplavam as imagens sobre os cavaletes e o dobrar do sino. Os últimos dobres representavam os momentos finais da permanência dos romeiros no espaço sacralizado. Os devotos esperavam a oportunidade de beijar os sagrados pés das esculturas ouvindo o ecoar das últimas badaladas sacralizadas, dos ruídos consagrados da cidade-santuário. A solenidade dos martírios do Salvador aproximava-se do final e os romeiros estavam prestes a retornar para a sua realidade ordinária (ELIADE, 2001). O momento final da solenidade dos Passos era observado por diferentes ângulos, a depender da função do ator no enredo dos Passos. Os olhares cruzavam-se.

Porém, a despedida nem sempre pôde ocorrer de forma tranquila e pacífica. Com a implantação do transporte ferroviário, a despedida do santuário tornou-se mais apressada para os romeiros que viajavam de trem. A contemplação demorada das imagens tidas como milagrosas permaneceu somente com os romeiros que usavam meios de transportes tradicionais (carroças, carros de boi, cavalos ou mesmo a pé). Pode-se dizer que, a partir da segunda metade da década de 1910, a solenidade passou a ter novos ritmos, mesclando inovação (pressa), com permanências

(tranquilidade contemplativa). Assim, como todo o cortejo, a escultura do Senhor dos Passos era muito disputada pelos romeiros, que almejavam tocá-la e apreciá-la pela última vez.

Enquanto alguns devotos buscavam aproximar-se das charolas, outros apressavam em dirigir-se a Estação Ferroviária, pois "antes de recolher-se o préstito religioso já se ouvia o apitar contínuo da locomotiva, avisando a hora da partida" (Diário da Manhã, 10 fev. 1914).

Na Estação Ferroviária, a disputa por vagas nos trens da Chemins de Fer também era acirrada. Os empurrões eram constantes, sendo preciso a intervenção do corpo policial. O elevado contingente entre a estação e os vagões facilitava a prática de furtos, típico das grandes romarias. São ruídos dissonantes da celebração, os contrapassos da solenidade. Assim, enquanto os passageiros procuravam um lugar:

> O gatuno pôz em prática um rápido roubo em bolso de um viajante, que, com certeza, já vinha assignado para a vistima, entregando-o ligeiramente a um companheiro que estava à janella do trem do lado de fora. Saltou pela janella o gatuno e vadiu-se com o outro, e o pobre passageiro roubado ficou se lastimando em meio a admiração de todos (Diário da Manhã, 26 fev. 1918).

Os contratempos do retorno dos romeiros não se restringiam aos transtornos ocasionados pela superlotação dos trens. A viagem dos comboios da Chemins de Fer em algumas ocasiões ficava à deriva, à mercê da sorte. O perigo e os sustos também estavam presentes na solenidade de Passos. Um dos incidentes no retorno dos fiéis ocorreu com o vagão dos romeiros de Laranjeiras, em 1918.

> Além de outras coisas ordinarissimas da tal Chemins tivemos um grande susto. Um carro, dos muitos que conduziam passageiros para aqui e Laranjeiras, saltou do trilho e foi um Deus nos acuda. Depois de gritos e mais gritos dos passageiros foi que o machinista parou a machina e todos viram o perigo em que estavam. Foi uma viagem cheia de incidentes que felizmente não occasionaram perdas de vida graças ao Senhor dos Passos a quem todos tinham ido votar suas preces (Diário da Manhã, 26 fev. 1918).

O retorno dos devotos nem sempre ocorria de forma pacífica. Os gritos desesperados dos passageiros demonstravam o pânico provocado pelo incidente, ou seja, o silêncio do cansaço dos romeiros cedia lugar à agonia. Mesmo assim, o fato de não ter havido vítimas fatais foi atribuído à intervenção milagrosa do Senhor dos Passos. O pacto firmado entre o devoto e o sagrado continuava em vigor. O Cristo com a cruz sobre os ombros continuava guiando os passos dos inúmeros fiéis nos caminhos da penitência.

FONTES:

IMPRESSOS

Ofício da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Gráfica A Nacional, s/d.

JORNAIS

O Estado de Sergipe: 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

Jornal do Povo: 1917.

Jornal de Aracaju: 1873.

Correio de Aracaju: 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

Diário da Manhã: 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

ORAIS

MONTEIRO, Maria Paiva. Entrevista concedida no dia 12 de dezembro de 2003. São Cristóvão.

PRADO, Erundino. Entrevista concedida no dia 17 de agosto de 2006. São Cristóvão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALVES, João Oliva. **Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides**. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

DANTAS, Beatriz Góis. Entre o sagrado e o profano. In: VIEIRA, Márcio José Garcez. **Senhor dos Passos em todos os Passos**. Aracaju: J. Andrade, 2006, p. 55-59.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEREIRA, José Carlos. **A eficácia simbólica do sacrifício**: estudo de uma devoção popular do catolicismo. Porto Alegre: Zouk, 2005.

SANTIAGO, Serafim. **Annuario Christovense ou Cidade de São Christovão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. As ovelhas da Pastora: as múltiplas facetas de uma peregrinação de Sergipe. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH. Ano III, nº 7. 2010. p. 165-205.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVEIRA, Jonot. São Cristóvão de minha saudade. In: **São Cristóvão Del Rei**. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam. In: **O Estado de Sergipe.** Mar/Abr, 1917.

Recebido em 15 de junho de 2015
Aprovado em 22 de setembro de 2015